

# DESAFIOS DA GESTÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS SLOGANS PEDAGÓGICOS ENTRE O DITO E O FEITO

---

## **ANDRÉIA DOS SANTOS MARTINS DE OLIVEIRA**

Mestranda do Curso de Maestría en Ciencias de la Educación, Universidad del Sol: UNADES - Ciudad del Este, PY, [andrea\\_samir@hotmail.com](mailto:andrea_samir@hotmail.com);

## **LEDIANI FERNANDES COUTO**

Mestranda do Curso de Maestría en Ciencias de la Educación, Universidad del Sol: UNADES - Ciudad del Este, PY, [ledi.couto@hotmail.com](mailto:ledi.couto@hotmail.com);

## RESUMO

Este artigo discute a distância operacional entre os slogans pedagógicos estabelecidos pelo discurso acadêmico e o que é realizado nas escolas, especificamente em tempos de Pandemia, e o distanciamento social e a dependência tanto por parte de professores como alunos da internet. Para delinear tais slogans foram utilizados os discursos dos teóricos Luck (2011), Oliveira (2007) Tardif (2014), Schelb (2017), Kahneman e Tversky e dos documentos oficiais Constituição Brasileira 1998 Art. 205, LDB e BNCC em contrapartida recorre-se à observação empírica desta autora subsidiada por outros depoimentos, orientações e documentos extraoficiais que pela sua natureza precisam ser mantidos em sigilo. Para concluir que, a pandemia só agravou a cultura do slogan e que se a escola não estabelecer uma profunda reflexão acerca de sua metodologia de trabalho, e principalmente, de suas articulações com o seu público alvo: o estudante, irá abrir mão de uma de suas razões de ser: fazer pensar.

**Palavras-chave:** Educação, Pandemia, Metodologia de trabalho, Cultura do slogan.

## INTRODUÇÃO

O conceito de dialética tanto em Karl Marx como em Hegel pressupõe que exista uma “distância” entre o que é pensado e o que é realizado, não importa aqui qual dos dois pontos é tomado como partida, apenas que esta “distância” estabelece um novo ponto de realização, que por sua vez gera outra relação ideia-realização em uma dinâmica que faz parte do fazer humano. No universo da administração, de forma análoga, acontece a mesma situação, uma determinada teoria (que aqui não cabe a discussão se calcada ou não na empiria) tem como razão de ser se existencializar em uma determinada circunstância que irá propositalmente ou não ser diferente da teoria proposta. Este artigo tem como objetivo discutir no campo administrativo pedagógico (a gestão pedagógica) este espaço entre a teoria e sua prática e antes de apresentar a metodologia em que se baseia tal exercício teórico é necessário um esclarecimento sobre a afirmação realizada algumas linhas acima: o distanciamento proposital ou não entre a teoria e a prática. O que está em relevo não é a questão do distanciamento e nem a mudança que ocorre, mas se esta mudança ocorre de maneira proposital, ou não, e sendo proposital, quais os agentes de tal propósito e quais suas intenções? Em outras palavras caso seja comprovado que há uma intencionalidade neste distanciamento quais são suas motivações?

A pesquisa realizada se caracteriza como um estudo qualitativo, bibliográfico, documental de levantamento de dados.

Os resultados da pesquisa apontam que, o advento da pandemia causado pelo COVID-19 colocou em xeque uma série de slogans educacionais sobre gestão, decalcados deste distanciamento entre a teoria e a prática que permeiam o discurso pedagógico. O distanciamento social, o uso de internet como meio exclusivo de comunicação ressignificaram o papel da gestão, porém antes de discutir esta relação específica convém definir o que neste artigo se entende por slogan, o Oxford Languages define slogan como “expressão concisa, fácil de lembrar, utilizada em campanhas políticas, de publicidade, de propaganda, para lançar um produto, marca etc.”.

No universo pedagógico estas expressões vêm sempre precedidas de um verbo que propõe uma ação sem se ater as possibilidades de realização deste “comando”: o professor deve ser o mediador ideal entre a vontade e a necessidade do aluno, o professor deve ser a mola propulsora do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, a escola tem um papel fundamental na

formação do indivíduo que nenhuma outra instituição é capaz de cumprir, há variados lugares, situações e instituições, mas é na escola que o valor da aprendizagem está intimamente ligado à cultura e à ciência, acerca da gestão é possível elencar: a gestão é entendida como a base para se atingir a qualidade dos empreendimentos humanos em qualquer setor ou área de ação dos sujeitos sociais.

Se faz necessário estabelecer a devida ponte entre os slogans e o contexto gerencial vivido nestes dois últimos anos (2020 e 2021) é importante considerar, para que não se caia na tentação de criar um novo slogan, que a gerência escolar brasileira, e em particular a gerência educacional da escola pública, vivia no momento pré-pandemia uma crise de produtividade.

E pelos mais diversos índices internos (SAEB, prova Brasil) e internacionais (PISA) o gerenciamento escolar não estava sendo capaz de apresentar um serviço educacional que preparasse o seu público para exercer de forma plena suas potencialidades como pessoa social e muito menos qualificá-la para um mercado altamente competitivo.

É necessário clarificar que não é intenção desta reflexão demonizar nenhum dos personagens envolvidos, nem os submeter a um tribunal inquisitorial, apenas ponderar as razões de determinadas atitudes colocando-as em um contexto mais geral.

O gestor no período da pandemia se viu forçado a tomar atitudes impensáveis em momentos anteriores, como figura mediadora entre os ditames das secretarias de educação, seu grupo executivo (os professores) e os alunos, muitos gestores tiveram que adaptar suas diretrizes momento a momento, tanto mais que as próprias secretarias, pelo ineditismo da situação também se viam compelidos a estabelecer orientações que muitas vezes eram revogadas dias depois, e em uma situação de crise a desinformação é o pior cenário possível.

Conclui-se que, a pandemia deixou as claras algo que já estava acontecendo há algum tempo, porém não se tinha vontade administrativa de se discutir. Que o uso do espaço físico, dos recursos didáticos e relações pedagógicas da instituição escolar dimensionados por um fenômeno cultural midiático que privilegia cada vez mais o uso indiscriminado dos slogans potencializados neste momento pelas circunstâncias impostas pela pandemia devem ser rediscutidos sob a perspectiva da escola perder sua principal função: fazer pensar.

## METODOLOGIA

Acompanhando a natureza desta reflexão a metodologia entregada foi de um lado o levantamento e discussão bibliográfica de autores como Luck (2011), Oliveira (2007), Tardif (2014), Schelb (2017), Kahneman e Tversky e dos documentos oficiais Constituição Brasileira 1998 Art. 205, LDB e BNCC, como o discurso que representa a parte existencializada deste mesmo discurso, a autora recorre às observações empíricas realizadas no decurso de suas atividades e de outros profissionais de educação, depoimentos, orientações e documentos extraoficiais que pela sua natureza precisam ser mantidos em sigilo.

É possível questionar a validade destes dados, não seriam eles por demais pessoais? Ou mesmo sem respaldo bibliográfico? A este questionamento é possível repostar com dados oriundos da epistemologia e de forma análoga análises educacionais que mostram de forma implícita a existência deste descompasso entre o discurso oficial (teórico) e o discurso prático (de outros tantos profissionais de educação) que não são registrados inclusive por medo de retaliação dos empregadores.

No campo epistemológico uma linha de pesquisa que se intitula descolonialismo se propõe a relativizar o discurso da academia como “[...] uma mercadoria acadêmica da mesma forma que as teorias pós-modernas estão sendo mercantilizadas” (MIGNOLO, 2003, p. 146) e outros trabalhos do mesmo autor<sup>1</sup> dá voz aos depoimentos e posicionamentos que não passaram pelo crivo dos instrumentos de pesquisa como é o trabalho de Gloria Anzaldúa<sup>2</sup> um depoimento vigoroso de como um determinado falar se faz acontecer em uma fronteira linguística e cultural, tal trabalho realizado na primeira pessoa irá, inclusive, subsidiar afirmações teóricas do próprio Mignolo como de outros teóricos. Embora Mignolo tenha como objeto de

1 MIGNOLO, Walt. In: PALERMO, Zulma. Para una pedagogia decolonial. 1ª ed. Ciudad Autónoma er. D. Prefacio de Buenos Aires: Del Signo, pp. 7-13. 2014. (El desprendimento / Walter Mignolo). MIGNOLO, Walter D. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. In: Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n.34, 2008, p. 287-324. Disponível em: [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf) – acessado em: 01/09/2021.

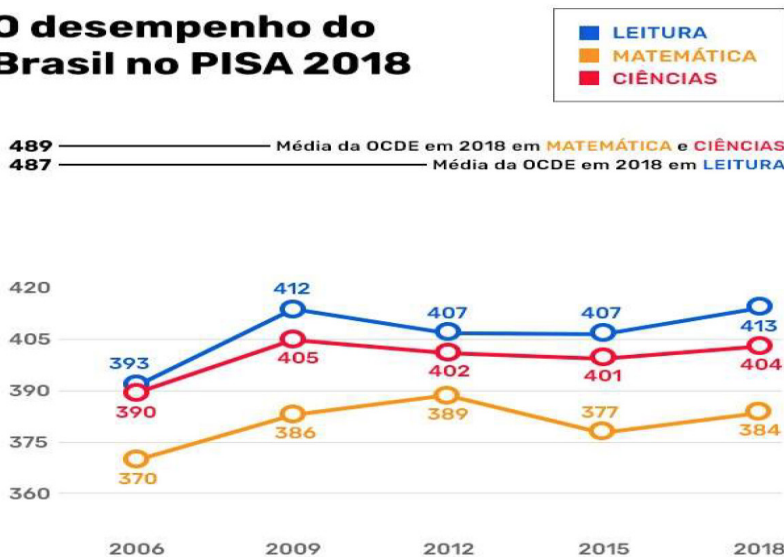
MIGNOLO, Walter. Histórias Globais projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

2 ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

pesquisa o linguajar e suas operacionalidades é importante salutar, principalmente no campo educacional, uma linha de pesquisa que dê voz aos discursos não formais.

Em uma segunda linha de argumentação é possível pensar nos resultados globais da educação e tentar perceber um subtexto de descompasso entre o dito e o feito, toma-se aqui, como um dos inúmeros possíveis exemplos os resultados do PISA nos últimos anos, nunca é demais ressaltar a seriedade deste tipo de exame que serve como parâmetro de trabalho para muitos países.

## O desempenho do Brasil no PISA 2018



Fonte: PISA 2018/OCDE

Se a estes resultados forem decalcados na mesma linha temporal dos processos de gestão tanto de direita como de esquerda, se chega à conclusão que não importa qual foi o projeto pedagógico ou quais foram as intenções, a realidade é que a educação brasileira aqui representada pelos alunos do ensino médio apresentou uma melhoria significativa. A partir desta premissa pergunta-se de possíveis gargalos, alguns podem ser descartados imediatamente como: a má qualidade dos alunos brasileiros ou de seus professores, basta olhar na tabela que países do terceiro mundo com um nível de desenvolvimento social menor que o Brasileiro se saem melhor. Uma outra possibilidade é quanto ao salário, estudos deixam claro (vide tabela abaixo) que existem países que tem pior salário e, no entanto, a figura do professor é melhor avaliada. Esta má avaliação do professor tanto

pela sociedade quanto pelo próprio professor (o Brasil está em último lugar neste quesito) pode apontar para a questão gerencial de que este artigo trata. Um profissional que mesmo ganhando pouco (como é o caso do Brasil e de vários outros) quando encontra um ambiente de trabalho que o valorize e o estimule, onde o que lhe é dito e realizado, apesar das dificuldades (inerentes ao trabalho) tem prazer e orgulho em desenvolver tal mister e ao contrário um profissional que mesmo ganhando razoavelmente se sente constrangido a atender ordens sem nexos e programas desvinculados da realidade não consegue desenvolver seu trabalho a contento gerando frustração e desconforto, talvez seja por isto que o Brasil é um dos campeões da síndrome de Bournout, ou síndrome do esgotamento profissional, entre os profissionais da educação.

Imagem do ranking, com a pergunta “onde os professores são mais valorizados?”

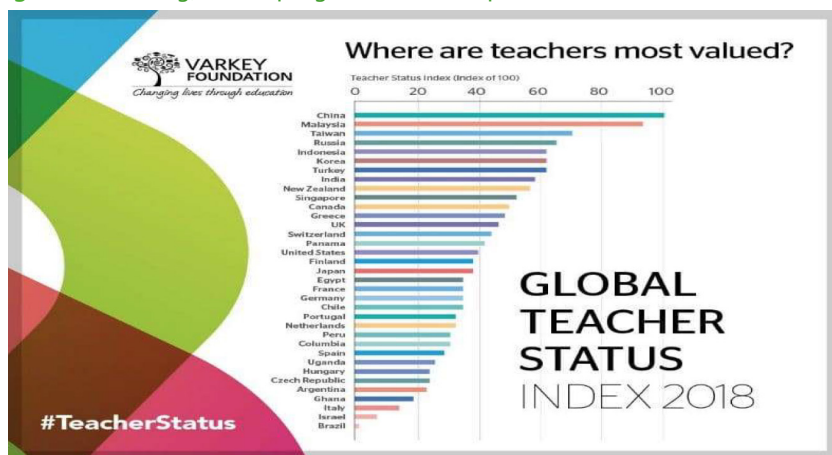


Foto: Varkey Foundation/ Reprodução

Tais dados deixam em aberto a hipótese de que a voz dos profissionais de educação envolvidos no processo de operacionalização não está sendo ouvida e que não está sendo ouvida já há bastante tempo e que agora existem caminhos metodológicos de pesquisa para que estas vozes sejam ouvidas e levadas em consideração.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O advento da pandemia causado pelo COVID-19 colocou em xeque uma série de slogans educacionais sobre gestão, decalcados deste

distanciamento entre a teoria e a prática que permeiam o discurso pedagógico. O distanciamento social, o uso de internet como meio exclusivo de comunicação ressignificaram o papel da gestão, porém antes de discutir esta relação específica convém definir o que neste artigo se entende por slogan, o Oxford Languages define slogan como “expressão concisa, fácil de lembrar, utilizada em campanhas políticas, de publicidade, de propaganda, para lançar um produto, marca etc.”.

No universo pedagógico estas expressões vem sempre precedidas de um verbo que propõe uma ação sem se ater as possibilidades de realização deste “comando”: o professor deve ser o mediador ideal entre a vontade e a necessidade do aluno, o professor deve ser a mola propulsora do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, a escola tem uma papel fundamental na formação do indivíduo que nenhuma outra instituição é capaz de cumprir, há variados lugares, situações e instituições, mas é na escola que o valor da aprendizagem está intimamente ligado à cultura e à ciência, acerca da gestão é possível elencar: a gestão é entendida como a base para se atingir a qualidade dos empreendimentos humanos em qualquer setor ou área de ação dos sujeitos sociais, ou especificamente na fala de alguns teóricos como Luck

Gestão educacional corresponde ao processo de gerir a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação das escolas em específico, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas, para a implantação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas, comprometido com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias no ambiente de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados), autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração pública de seus processos e resultados). (LUCK, 2011, p.35)

Todas estas considerações se vistas de perto apresentam três características básicas: são dedutivas. O método dedutivo - proposto pelo pensamento platônico estabelece primeiro uma verdade idearia perfeita, um termo médio que geralmente aparece como uma proposição de princípios é um “juízo” de determinada situação empírica. Como exemplificação é possível pensar que, Luck (2011) estabelece uma gestão idearia que não se sabe exatamente qual é, mas que ao ser pensada estabelece determinadas normas:



um ambiente educacional autônomo de participação e compartilhamento, autocontrole e transparência, e definidas tais práticas a gestão factual será avaliada positivamente quanto mais perto chegar deste modelo ideal.

É possível multiplicar este exemplo e esta estrutura de pensamento “ad nauseam”. A segunda característica decorrente da primeira é que não se leva em conta variáveis sociológicas – antropológicas – históricas de cada situação, no exemplo analisado pode-se pensar como esta gestão ficaria sob a chancela de um estado totalitário como a Alemanha Nazista, a Rússia de Stalin, ou atualmente, a gestão educacional da Coreia do Norte sob o tacão de Kim Jong-un, em tais circunstâncias a gestão democrática simplesmente não existiria, mas, ao mesmo tempo seria uma gestão de excelência desde que seguissem as diretrizes do partido.

E por último, tais considerações não se preocupam em como realizar os preceitos estabelecidos. O pensamento contrário também pode ser estabelecido se uma determinada diretriz expor com clareza o seu quadro teórico, se levar em conta as variáveis que foram o contexto do fenômeno e apresentar uma metodologia confiável não é slogan e sim um programa de trabalho elaborado de maneira exemplar.

Feitas tais considerações se faz necessário estabelecer a devida ponte entre os slogans e o contexto gerencial vivido nestes dois últimos anos (2020 e 2021) é importante considerar, para que não se caia na tentação de criar um novo slogan, que a gerência escolar brasileira, e em particular a gerência educacional da escola pública, vivia no momento pré-pandemia uma crise de produtividade, e aqui tomamos a liberdade de trazer uma expressão do universo administrativo, porém, que sintetiza perfeitamente a incapacidade da instituição pública prestadora de serviços denominada escola de prestar serviços de qualidade aos seus clientes (alunos) e para definir serviços de qualidade recorre-se ao que determina a constituição brasileira (1988) acerca da educação que no seu artigo 205 estabelece de modo dedutivo que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

E pelos mais diversos índices internos (SAEB, prova Brasil) e internacionais (PISA) o gerenciamento escolar não estava sendo capaz de apresentar um serviço educacional que preparasse o seu público para exercer de forma plena suas potencialidades como pessoa social e muito menos qualificá-la para um mercado altamente competitivo.

Com o advento da pandemia com as características já mencionadas do distanciamento social e o uso da internet e seus periféricos como únicos meios de comunicação entre escola e alunos como ficam alguns conceitos, e mais uma vez é necessário clarificar que não é intenção desta reflexão demonizar nenhum dos personagens envolvidos, nem os submeter a um tribunal inquisitorial, apenas ponderar as razões de determinadas atitudes colocando-as em um contexto mais geral.

O primeiro elemento a se considerar é a figura do gestor cuja função é administrar, gerenciar a instituição de forma que suas atividades sejam desenvolvidas da melhor maneira possível, atendendo a sua clientela com prestação de serviços nas áreas administrativa e pedagógica.

Para Oliveira o gestor deve:

Trabalhar claramente o conceito de gestão já pressupõe, em si, ideia de participação, isto porque o trabalho participativo deve estar associado a pessoas que analisam situações, decidindo sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas em conjunto, nunca isoladamente ou centralizando atividades. Entendemos que o êxito de uma organização depende da ação construtiva de seus componentes pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um todo, orientado por uma vontade coletiva. (OLIVEIRA, 2007, 150)

O gestor no período da pandemia se viu forçado a tomar atitudes impensáveis em momentos anteriores, como figura mediadora entre os ditames das secretarias de educação, seu grupo executivo (os professores) e os alunos, muitos gestores tiveram que adaptar suas diretrizes momento a momento, tanto mais que as próprias secretarias, pelo ineditismo da situação também se viam compelidos a estabelecer orientações que muitas vezes eram revogadas dias depois, e em uma situação de crise a desinformação é o pior cenário possível.

É justificável que a pandemia obedeça a uma certa lógica (a propagação do vírus e sua letalidade obedecem a normas conhecidas e apresentadas nas boas aulas de biologia no segundo grau). O injustificável, porém, previsível, foi o grau de promiscuidade que se estabeleceu entre o discurso científico e o discurso político, este usando de um sem número de slogans em uma guerra de desinformação que não permitiu um planejamento adequado.

É possível agrupar as várias questões pertinentes a gestão em três grandes áreas: espaço físico, recursos didáticos, relações pedagógicas. Como elas ficam diante da pandemia e de suas mais diretas consequências: o

distanciamento social e o uso exclusivo da internet e seus periféricos para o contato com alunos e professores?

O espaço físico e o seu acesso literalmente deixaram de existir como espaço pedagógico, ou seja, aquele onde se relacionam gestores, professores e alunos, e até mesmo o acesso físico aos professores passa por um rígido protocolo de biossegurança. É possível arrolar dentro desta área o acesso à internet, o que não é responsabilidade específica da escola nem do gestor, porém, da municipalidade. Ora, como a demanda cresceu exponencialmente as redes de internet entraram em colapso sendo comum professores usando suas contas pessoais para desenvolverem atividades pedagógicas.

Um incremento da qualidade da internet iria exigir da municipalidade um alto investimento orçamentário que muitas vezes o município não se sente capaz de fazer, mas também em investimento federal na melhoria de sua rede. Segundo o site Akamai “O Brasil apresentou uma velocidade média de 4,1 megabits por segundo (Mbps). É superior à considerada “banda larga” (4 Mbps), mas 36,5% menor do que a média global, que foi de 5,6 Mbps no período.

Com isso, apesar de ter registrado um aumento 38% na velocidade, a internet brasileira ocupa a 88ª posição no ranking mundial. O material analisa 243 países e regiões. Coreia do Norte (26,7 Mbps), Suécia (19,1 Mbps), Noruega (18,8 Mbps), Japão (17,4 Mbps) e Holanda (17 Mbps) lideram a lista”.<sup>3</sup> Esta variável “física” direto nos outros quesitos, cabe também lembrar que muitos alunos da escola pública, simplesmente não possuem celular, ou o que é mais comum, este é um terminal compartilhado com um dos genitores, quando ainda, alguns, moram em regiões rurais onde o sinal não pega.

Os recursos didáticos em tempo de pandemia tiveram que se adequar a textos enviados pela extensão word, pdf, e o uso de vídeo aulas explicativas ou então filmagens de explicações. Cada um destes elementos traz características muito específicas. O envio de material pela extensão word ou pdf são de exercícios fixação ou resumos de assuntos ou “pedaços” de livros, na medida em que os terminais dos alunos simplesmente não comportam uma carga maior de dados, assim o professor precisa estabelecer uma prioridade pedagógica no material a ser enviado, e um controle preciso em suas devolutivas já que o tempo pedagógico, item que será discutido posteriormente, passa da mão do professor para a mão do aluno.

3 Dados disponíveis em <<https://www.akamai.com>> Acesso em 20/07/2021

Os chats de aula “online” apresentam problemas de toda a ordem desde a conectividade precária pelos motivos já mencionados, a ausência por parte dos alunos e de alunos presentes que, como é relatado por alguns professores, simplesmente desligam o áudio e fingem estar assistindo as explicações enquanto fazem outro tipo de atividade, em relação as aulas gravadas esbarram-se novamente na capacidade de transmissão dos dados, como a maioria absoluta dos terminais são celulares a sua capacidade de armazenamento é limitada, estabelecendo “explicações” mínimas que muitas vezes não explicam nada.

Por último temos as relações pedagógicas, que podem ser entendidas em três níveis: aluno X aluno; aluno X professor; aluno X instituição. Com a impossibilidade do espaço físico, uma das mais importantes funções da instituição escola desaparece, se está falando aqui das interações sociais que acontecem em todo o espaço físico, é na escola que, muitas vezes, a criança percebe as noções básicas de civilidade.

Em tese a criança no seu seio familiar é o centro das atenções, porém, quando adentra este segundo círculo social seu protagonismo entra em choque com outras tantas protagonistas e neste embate se faz a educação social, onde as regras da civilidade acabam por prevalecer, e apesar de alguns slogans alarmistas de violência e bullying escolar o fato é que a criança, o adolescente e o pré-adolescente precisam deste convívio social para estabelecer suas diretrizes comportamentais.

Já sobre as questões acerca da relação professor X aluno assim Tardif, em seu livro “Saberes Docentes e Formação Profissional, se expressa:

Ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. As interações com os alunos não representam, portanto, um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, ao nosso ver, a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia. (TARDIF, 2014, p. 118)

O ponto fulcral da citação é que este ambiente de trabalho é constituído de interações humanas, deixando de lado a pergunta base: qual o ambiente de trabalho que não é constituído de interações humanas? Tem-se aqui uma afirmativa que corresponde à realidade cercado de uma aura de slogans e palavras de ordem encontradas facilmente em muitos textos de formação: “o ofício de ser professor deve ser marcado pelas influências positivas passadas para cada aluno”, como influenciar diretamente e positivamente cada

um dos 250 ou 300 alunos que um professor do ensino fundamental entra em contato por semana? Como estabelecer o que é uma influência positiva, se para cada aluno a percepção e compreensão de um mesmo ato pode ser assimilado a partir de sua cosmovisão.

O professor é um profissional bem treinado e formado (espera-se) que trate sua equipe de trabalho com o respeito, cordialidade e meritocracia inerentes a um gestor de grupos e de projetos, por que se olharmos sob a perspectiva da ciência da administração o professor é um gestor de um projeto (o conteúdo curricular) que deve ser desenvolvido por sua equipe de trabalho (suas salas) de modo tal que o projeto seja executado da melhor maneira possível e de forma mais eficiente (que no final do ano todos ou a grande maioria dos alunos tenham proficiência naquele determinado conteúdo), para que isto aconteça o gestor pedagógico deve ter em mente que não se pode administrar vontades (nem as suas) mas sim necessidades, tomando um exemplo em sala, o silêncio é necessário não por que agrade o professor ou para aumentar seu ego pedagógico, mas tão somente por que no barulho a apresentação dos conteúdos desenvolvidos não são processados mentalmente, isto nos prova a neurociência quanto as salas de Multirecursos onde alunos com “dificuldade de aprendizagem” quando colocados em um ambiente calmo e com uma orientação individualizada conseguem se desenvolver a contento.

Outro slogan caudatário do correto posicionamento de Tardif é que a “docência e discência se combinam e se confundem quando buscam o crescimento humano”. Uma pesquisa a ser realizada (à espera de algum investigador com coragem para tal) é sobre o que as crianças da escola fundamental e ensino médio do ensino público querem da escola. As opções seriam: ser um elemento de transformação social? Me realizar como ser humano digno? Realizar o meu potencial como indivíduo? Ganhar mais que meu pai?

Alguns anos de experiência em sala de aula e ouvidos alertas para esta questão apontam que a maioria dos alunos estão na escola para poderem subir de vida e esperam que a escola lhes possibilite isto. Estabelecer metas de realização pessoal, autoconhecimento e desenvolvimento do ser, para indivíduos que precisam passar em concursos para garantir o seu emprego, é “fazer gentileza com o chapéu alheio” e fácil e cômodo estabelecer metas atitudinais enquanto o mercado precisa de indivíduos que dominem o significado e o operativo de conceitos básicos. e quanto ao “crescimento humano” todas as relações interpessoais são basicamente formas de crescimento

humano, dependendo da forma como são recebidas, isto é o que nos mostra Nelson Mandela em uma frase lapidar sobre relações humanas: “eu nunca perco: ou eu ganho ou eu aprendo”.

Seria possível continuar esta lista de desmonte por um longo tempo sempre com os mesmos resultados (fica aqui o convite para sua realização) como nos moldes de um artigo isto não é possível. Trazemos a tela um outro slogan bastante difundido. Savaris e Castanha (2016) afirmam acreditar que o professor tem em suas mãos duas tarefas básicas: educar e instruir ao mesmo tempo. Isso torna a atividade docente complexa e agradável, pois havendo esse entendimento o aprendente e quem ensina caminham para a sinergia pedagógica”. O também slogan que se antepõe e que inclusive é título de livro é “família educa a escola ensina” Schelb (2017).

Descontando as devidas chamadas de marketing o que se tem é uma falácia denominada distorção de dados, esta falácia consiste em misturar elementos conceituais diferentes e sem aprofundamento e enunciá-los como verdade. Temos aqui três verbos de ação: educar, instruir, ensinar. Já de princípio é importante notar que o verbo educar é usado na primeira proposição para o sujeito escola e na segunda para o sujeito família, será que esta divisão tão propalada passa pelo teste da empiria, ou seja, nos ambientes reais da escola e família? Segundo o dicionário Aurélio temos: instruir “transmitir ou adquirir conhecimentos; educar(-se). Educar: dar a (alguém) todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade.

Transmitir saber a; dar ensino a; instruir. Ensinar: repassar ensinamentos sobre (algo) a; doutrinar, lecionar. Transmitir (experiência prática) a; instruir (alguém) sobre. É notável que nas três definições aparece o conceito de instruir passar ou adquirir conhecimentos e por conhecimentos pode-se pensar em conhecimentos sociais (as formas de como se portar em uma sociedade) ou conhecimentos acadêmicos (o domínio de determinados conteúdos que irão permitir sua inclusão em um mercado de trabalho); ao que tudo indica o conteúdo de educar parece ter uma maior amplitude semântica “dar a alguém todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento da pessoa” e ensinar tem o objetivo de doutrinar, lecionar mas também deixa em aberto o ensino de uma experiência prática.

Como ficariam então tais conceitos existencializados? A família por certo educa, mas quanto uma mãe separa de seu tempo para desenvolver com seu filho suas tarefas tirando suas dúvidas, (principalmente em tempos de pandemia) também não está a instruir e o ensinando? Uma professora

de matemática que está ensinando as quatro operações e estabelece ordem em sua sala e determinados procedimentos de aprendizagem (alheios ao conteúdo acadêmico) não está educando? A escola como um todo com as antigas interações sociais não estabelece com suas comutações tanto verticais como horizontais códigos de instrução, educação e ensino? Na empiria os conceitos se entrelaçam e os personagens aparecem realizando múltiplas funções e não a nada de errado com isto é assim desde que a instituição escola apareceu e perder tempo com isto é realizar uma “guerra de espuma”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender por que o slogan apesar de ser facilmente desvendado ainda tem tanto alcance se faz necessário o aporte a neurologia e principalmente dos estudos de Kahneman e Tversky em “Rápido e devagar: duas formas de pensar” nesta obra os autores estabelecem que existem dois cérebros funcionando o tempo todo gerenciando nossas ações, a forma rápida gosta de coisas fáceis, logaritmos já conhecidos e usa das experiências passadas para tomar decisões rápidas, o modo lento analisa, discute e pondera as informações, porém, é preguiçoso, afinal pensar da trabalho e cansa.

Sob a pressão de uma pandemia onde os conteúdos são apresentados de maneira cada vez mais rasa e periférica por circunstâncias estruturais nunca é demais se lembrar, para um público que está condicionado pelos instrumentos de recreação tik-toks, instagram etc... onde a informação tem que ser compactada em segundos e não existe campo e tempo para a análise a trabalhar apenas com o cérebro rápido a recusa e o estranhamento a qualquer outra opção de transmissão é rejeitada, o que na sala de aula se traduz por: “Ah, resume professora, bota no quadro que eu fotografo!”

A pandemia deixou as claras algo que já estava acontecendo há algum tempo, porém não se tinha vontade administrativa de se discutir. Que o uso do espaço físico, dos recursos didáticos e relações pedagógicas da instituição escolar dimensionados por um fenômeno cultural midiático que privilegia cada vez mais o uso indiscriminado dos slogans, potencializados neste momento pelas circunstâncias impostas pela pandemia, devem ser rediscutidos sob a perspectiva da escola perder sua principal função: fazer pensar.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2005.

ARAÚJO, Ester Figueiredo. **Escola e Família**; uma reflexão a partir das experiências vivenciadas nas escolas estaduais de Itacoatiara. Manaus: UEA: Edições e Editora Valer, 2010.

AZEVEDO, Ricardo. **Sobre viajar, educar e sonhar**. 5 Atitudes pela educação: orientações para coordenadores pedagógicos. São Paulo, Moderna, 2014.

BELIK, Walter. **O brasileiro e a fome** - Carta na escola: atualidades em sala de aula. São Paulo, nº 92, 46-48, novembro/dezembro de 2014.

BENETTI, Idonézia Collodel. **Estratégias para promover a resiliência escolar**. Revista Pátio. Porto Alegre, nº 23, p. 42-45, fev. 2015.

BRAVO, Ismael. **A educação ambiental e as diversas correntes pedagógicas**. In: HAMMES, Valéria Sucena. Construção da proposta pedagógica. São Paulo: Globo, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. nº 9394/96.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira**. 1988.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Gestão escolar e docência**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CORRÊA, Selenir. **Formação de professores**: abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

CORSINO, Patrícia. **Alfabetismo, cultura(s) e escola**: contribuições para o trabalho docente. Salto para o futuro: Ensino Fundamental/Secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.



CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. **Família e escola**: um encontro de relações conflituosas. *Sitientibus*, Feira de Santana, nº 37, p. 27-45, julho./dez. 2007.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Constituição, LDB, Educação Básica e eficácia do direito à educação**. Guia de estudos: formação de profissionais da educação pública. Juiz de Fora-MG, vol. III, 2013.

FERREIRA, Susie Helena de Araújo; BARRERA, Sylvia Domingos. **Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil**. 2010. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ED. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIOLO, Jaime. **Bernard Charlot**: a educação mobilizadora. In: Rego, Teresa Cristina. *Educação, escola e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUEDES, Patrícia Mota. **Gestão transformadora**. *Revista educar-transformar*, São Paulo, v.1, nº 1, p. 6-8, janeiro 2015.

HOFFMANN, Jussara; DEMO, Pedro; TAILLE, Yves de La. **Grandes pensadores em educação**: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação. Porto alegre: Mediação, 2010.

IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/) acessado em: 20/07/2021.

JARDIM, Ana Paula. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino-aprendizagem. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE, Presidente Prudente.

KLAUS, Viviane. **A família na escola**: uma aliança produtiva. 2004. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRG, Porto Alegre.

LAHIRE, Bernard. **A família é a estrutura estável de quem vive numa família instável.** In: Revista Nova Escola. São Paulo, nº 278, 16-17, janeiro de 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo, SP: Cortez, 2011

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LUCK, Heloísa. **Gestão educacional:** uma questão paradigmática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINS, Francisco André Silva. **Relacionando juventude, trabalho e escola.** Belo Horizonte, v. 20, nº 119, p. 17-23, set./out. 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Meire Terezinha S. Botelho de. Et AL. **Organização do trabalho pedagógico e gestão escolar.** Manaus: UEA Edições, 2007.

OLIVEIRA, Tory. **Laços de família.** Revista Carta Fundamental: a revista do professor, São Paulo, nº 45, p.50-51, fevereiro de 2013.

PARENTE, José. **Planejamento estratégico na educação.** Brasília: Editora Plano, 2001.

PAROLIN, Isabel. **Pais e educadores:** é proibido proibir? Porto Alegre: Mediação, 2003.

PEREIRA, Cláudia Moraes e Silva. **Família, gênero e novas configurações familiares:** um olhar sobre a mulher e a condição de pobreza. Revista Magistro, Ponta Grossa, vol. 8, nº 2, 163-179, 2013.

POZO, Joan Manuel Del. **A educação não é a preparação para a vida:** é a vida. In: Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte, vol. 18, nº108, p. 5-11, dez. 2012.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Q17. Editora Petrópolis: Vozes, p. 60-61, 1995.

SAVARIS Paulo Roberto & CASTANHA André Paulo. **Os desafios do professor em uma escola Paranaense**. PDF Vol 1. Governo do Estado do Paraná, 2016.

SCHELB, Guilherme. **Família Educa a escola ensina**. Editora: B & Z / Brasília, 2017.

SETTON, M<sup>a</sup> das Graças Jacintho. **Bernard Lahire**: a multiplicidade das condições de socialização e cultura escolar. In: Rego, Teresa Cristina. Educação, escola e sociedade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SEVERINO, Joaquim Antonio. **Filosofia da Educação**: Construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

SIMAS, Ana. **Baixa instrução não impede ajuda de pais para filhos**. Gazeta do povo, São Paulo, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Solange M<sup>a</sup> Teixeira. **Trabalho Social com famílias na política de assistência social**: elementos para sua reconstrução em bases críticas. Revista Serviço Social, Londrina, v. 13, n<sup>o</sup> 1, p. 4-23, julho/dez. 2010.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 8. Ed. São Paulo: Libertad, 1999.

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão, camisa de força da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.